

Filosofia e Cultura Brasileira¹

Tempo: 75'08"

Conversa com
Ronie Alessandro Teles da Silveira

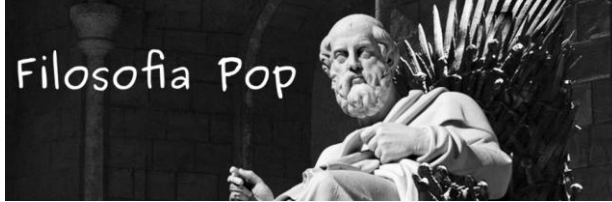
Murilo: Olá, esse é o podcast Filosofia Pop, Eu sou Murilo Ferraz e aqui comigo está o Marcos Carvalho Lopes e hoje a gente recebe o professor de Filosofia da Universidade Federal do Sul da Bahia e organizador de vários livros sobre Cultura Brasileira o Ronie Silveira. Esse é o nosso episódio número 8 e hoje falamos sobre Filosofia e Cultura Brasileira. Se você não conhece o nosso site você pode visitar o Filosofiapop.com.br e deixar o seu comentário lá ou pode também enviar um e-mail pra contato@filosofiapop.com.br. Obrigado aos ouvintes Marcos Ramon do Podcast Ficções, Emerson Carvalho, Luciano de Mendonça e Procto 78 por deixarem seus comentários no iTunes. No Filosofia Pop, a gente pretende conversar sobre temas filosóficos numa linguagem mais acessível. A ideia é usar também referências culturais como filmes, músicas e programa de TV pra ilustrar alguns conceitos, dialogar com as coisas mais próximas da gente e aproximar nossas ideias. A cada 15 dias, sempre às segundas-feiras a gente vem aqui continuar essa conversa com vocês com mais um programa. Vamos então pra nossa conversa sobre Filosofia e Cultura Brasileira.

[música]

Murilo: Hoje a gente recebe o Ronie Silveira, ele é professor da Universidade Federal do Sul da Bahia, é doutor em Psicologia, mestre em Filosofia e é organizador de vários livros sobre Filosofia e Cultura Brasileira e está também lançando um livro dele: "Apresentação do Brasil". Gostaria de pedir pra você se apresentar ai pro pessoal pra quem não conhece você ainda, com o que você trabalha, o que você faz.

Ronie: Bom, eu me formei em Filosofia na Universidade Federal de Goiás, fui fazer mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Hegel que era meu interesse na época, fiz mestrado. Acabei ficando no Rio Grande do Sul como professor no interior, depois acabei me envolvendo com estudo sobre memória. E por uma dessas questões mais

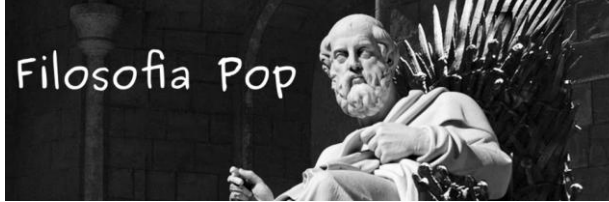
¹ Essa é uma transcrição (sem revisão de conteúdo ou de vícios de fala) do primeiro episódio #008 do podcast filosofia pop (filosofiapop.com.br). O programa é apresentado por Murilo Ferraz Franco, com participação de Marcos Carvalho Lopes. O bate papo foi ao ar em 10 de Agosto de 2015.



de ocasião, de oportunidade, acabei entrando num doutorado em Psicologia pra trabalhar com tema da memória, porque eu não tinha orientação na Filosofia na época no Rio Grande do Sul. Então acabei me tornando doutor em Psicologia, mas com uma formação toda em Filosofia. É mais uma questão de ocasião e de oportunidade. É muito curioso porque uma certa época estava conversando com um colega meu, éramos colegas de universidade, e nós estávamos notando uma série de livros que estavam aparecendo com temas de Cultura Geral, muitos livros americanos, por exemplo, que versavam sobre os Simpsons e a Filosofia, ou Buffy, a Caça Vampiros e a Filosofia, livros que pareciam pra nós que não tinha muita... até nem tinham muitos atrativos, mas começamos a pensar por que que no Brasil não se fazia isso, por que a Filosofia não conseguia dialogar com a cultura brasileira? E acabamos organizando eu e o Sérgio, Sérgio Schaefer é o nome dele, esse colega, acabamos organizando um livro com essa temática e o primeiro livro é Drummond e a Filosofia, e enveredamos por organizar coletâneas, até porque, obviamente, não era nossa pretensão escrever um livro inteiro sobre um cantor, como escrevemos depois sobre Caetano, organizamos o livro sobre Caetano. Nada disso. A ideia era conduzir os colegas a pesarem sobre o Brasil. Na verdade, o livro criava uma oportunidade e uma discussão voltada pra Cultura Brasileira. Então essa é uma área que eu gosto muito, tenho gostado muito de trabalhar, e me enveredei por isso mais por uma questão... nunca planejei esse tipo de trabalho. Inclusive não é, por exemplo, a minha área de doutoramento, é sobre memória, não tem nada a ver diretamente com isso. Acabei me envolvendo com isso mais pela circunstância de ter essa discussão com o Sérgio, organizamos um primeiro livro sobre Drummond, chama Drummond e a Filosofia, e depois enveredamos, organizamos mais alguns livros, alguns com o Sérgio, outros sem o Sérgio por uma questão ou outra. Eu, hoje, moro na Bahia, na época morava no Rio Grande do Sul. É mais ou menos a minha linha de trabalho tem sido essa de Cultura Brasileira e alguns outros temas contemporâneos ligados ao conhecimento, ligados à ética. Mas eu acho que o que nos interessa mais hoje é Cultura Brasileira e Filosofia.

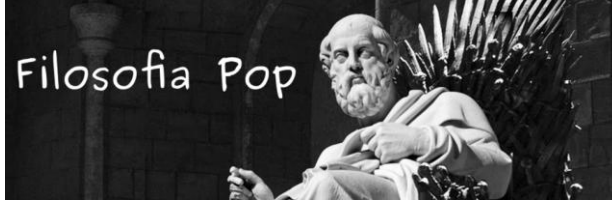
Murilo: É, porque a gente vai conversar sobre esse tema, sobre a Filosofia e Cultura Brasileira. E pra começar eu gostaria que você falasse sobre essa relação, qual que é a relação que existe entre a Filosofia e a Cultura no Brasil?

Ronie: É muito curioso isso porque nós podemos pensar, a princípio, que a Filosofia no Brasil, ela não se ocupa com a cultura brasileira, que é refratária à cultura brasileira. Mas isso seria dar muito poder pra Filosofia, um poder que ela, certamente, não tem, que é um poder de se isolar de uma cultura. Se a gente atentar com um pouco de cuidado, me parece que a Filosofia feita no Brasil, ela espelha muitas das características da Cultura Brasileira. Então, por exemplo, o fato da Filosofia no Brasil não se ocupar com o Brasil espelha uma característica importante da Cultura Brasileira, que é uma cultura feita com os olhos nos países que nos colonizaram, uma cultura que valoriza um tipo de conhecimento que não está ligado diretamente ao mundo efetivo onde nós vivemos. E é muito curioso isso porque a definição clássica de Filosofia que nós temos é que Filosofia é nada mais do que uma forma pensamento que é capaz de pensar a sua época. Obviamente, pra pensar a sua época, pensar o seu lugar também, as coisas que nos cercam mais diretamente e que nos passam despercebidas. Estranhamente então, se a gente for levar essa definição de Filosofia a sério, parece que a Filosofia nem existe no Brasil. Mas, na verdade, o problema é que a Cultura Brasileira, ela é feita dessa profunda característica de ignorar o país.



Poderia dar vários exemplos disso, mas você tem, no Brasil, uma cultura, o que nós chamamos de cultura literária, Fernando Azevedo, que é um escritor importante da área da educação chamava de Cultura Literária, essa peculiaridade de que, no Brasil, o conhecimento não é voltado para o mundo prático, não é voltado para o mundo que nos cerca, não no sentido prático de ser um conhecimento técnico aplicado, mas não é voltado para refletir sobre aquilo que nos cerca. Então, nesse sentido, por incrível que pareça, uma Filosofia que não se ocupa do Brasil é uma Filosofia, profundamente brasileira, porque ela expressa essa característica marcante da cultura brasileira que é ser uma cultura alienada do seu próprio meio, uma cultura que em nenhum momento histórico se debruça sobre o mundo em que ela existe e tenta resolver. Pelo contrário, é uma cultura de evasão permanente. O conhecimento, no Brasil, é extremamente elitizado e é, em geral, voltado pra atividades que nos afastam dos problemas cotidianos, sejam eles quais forem. Posso dar um exemplo pra vocês: hoje em 2015, o Brasil detém mais ou menos 2,5% da produção conhecimento a nível mundial. Se nós avaliarmos a totalidade das publicações. Então nós produzimos algo perto de 2,5% da produção intelectual. E nós temos 0,6 das patentes. Ou seja, naquele aspecto que é voltado para a aplicação, portanto, para a resolução efetiva de problemas brasileiros, daqueles problemas que caracterizam a realidade exterior, nós investimos desproporcionalmente se você comparar com aquilo que nós produzimos em termos de conhecimento bruto. Então é um dado interessante que já define uma certa característica que o problema da resolução efetiva de problemas brasileiros, daqueles problemas... ai sim eu estou falando de tecnologia, ele é muito difícil na cultura brasileira. E ai você vê, por exemplo, uma cultura universitária que também não valoriza isso. No meio universitário brasileiro nós valorizamos publicações. Então você tem situações quase absurdas que parecem obras de ficção. Eu presenciei na minha carreira acadêmica, trabalhei em várias universidades pelo Brasil, no Sul, me formei no Centro-Oeste, trabalhei no Nordeste, trabalho, hoje, no Nordeste, mas tem algumas situações absurdas. O sujeito desenvolve uma metodologia pra resolver um problema da base produtiva, ele publica isso numa revista internacional, e quando chega o momento da aplicação prática, em que ele deveria, por exemplo, treinar as pessoas pra replicarem essa metodologia nova pra resolver um problema da base produtiva, ele vai publicar um outro texto, ele vai começar uma outra pesquisa e publicar um outro texto. Por quê? Porque no meio acadêmico brasileiro você não valoriza e não pontua isso, a parte prática de extensão, de treinamento da população, de transferência de conhecimento para a base produtiva, isso não é valorizado. Então, de novo, você se depara com o mesmo problema, nós produzimos conhecimento, mas nós não somos capazes de conectar o conhecimento com o mundo externo. Então, por exemplo, quando a Filosofia, no Brasil, ignora as características culturais do Brasil ela está sendo sim profundamente brasileira porque essa é uma marca do Brasil, da Cultura Brasileira. Nós fazemos Filosofia Brasileira quando estudamos Kant nos nossos doutorados, quando estudamos Hegel, quando estudamos Platão, né? Estamos fazendo Filosofia brasileira porque isso é o que caracteriza a cultura brasileira, falar de outras coisas que não nós. Então é curioso isso, porque mesmo quando a Filosofia parece não se ocupar com o Brasil ai sim que ela é brasileira. Então, talvez o que eu esteja tentando fazer não seja, propriamente, Filosofia Brasileira nesse sentido, né, que isso sai um pouco do esquema cultural tradicional de nos ocuparmos com outras coisas menos com o Brasil.

Marcos: Eu acho que essa posição do Ronie é muito interessante, essa tentativa de pensar a

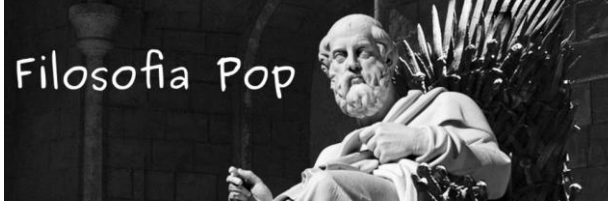


Filosofia conectada com a aplicabilidade. Ai vem pra mim uma questão assim de pensar o Brasil como aconteceu no Século XIX quando as nações estavam surgindo, cada nação tinha o seu filósofo que pensava a sua nação. Isso tinha uma perspectiva muito teológica, o filósofo da nação. Então pra pensar o Brasil hoje sem assumir esse lugar de preceptor da nação acaba sendo um desafio. E o Ronie tem uma perspectiva interessante sobre isso quando ele fala da necessidade de não sermos heroicos, né? Eu queria que ele falasse um pouco sobre esse paradoxo de se colocar na oposição, que ele até coloca “não é brasileira”, então é quase alienado da alienação ao triplo, né? Pra poder conseguir construir essa posição.

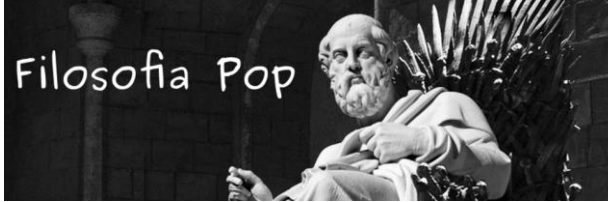
[risos]

Marcos: Eu queria que ele comentasse isso e esse paradoxo de não se colocar como preceptor da nação.

Ronie: Pois é, isso é uma coisa de extrema dificuldade, uma perspectiva de extrema dificuldade porque olha só: qual é o movimento natural? Suponha o seguinte, e eu passei por isso, depois quero, se for possível, falar um pouquinho sobre o livro “Apresentação do Brasil”, passei muito por essa dificuldade ao tentar escrever o livro. Por quê? Porque é uma tentativa de me desgarrar do olhar tradicional pelo qual nós olhamos o Brasil e nós olhamos o Brasil, basicamente, pelo olhar europeu e americano e, portanto, o Brasil é uma tentativa fracassada de país moderno. Nós somos uma civilização que não conseguiu realizar plenamente os valores democráticos, a República no sentido amplo do termo. E somos uma civilização a meio caminho mais ou menos, numa hipótese razoável e positiva pra nós. Então quando você tenta se deslocar disso, a tendência natural é você então assumir que os valores brasileiros passam, aqueles que são vigentes dentro do país, passam a ser critérios da avaliação do próprio país, porque você acaba de abrir mão dos critérios internacionais padrões, da modernidade da civilização ocidental. Então você tem uma extrema dificuldade de não resvalar pra um nacionalismo muito estreito, que me parece, por exemplo, que alguns países, do ponto de vista político, tomaram aqui na América do Sul. A ideia de que você enfrenta, você é diferente do mundo ocidental tradicional, da modernidade, dos valores da Revolução Industrial, do Capitalismo internacional, e que você fica num mundo, aparentemente, sem critérios, ou seja, os seus critérios são aqueles vigentes no seu próprio meio. Então, por exemplo, tudo que acontece no Brasil é maravilhoso porque acontece no Brasil e os nossos critérios são brasileiros. Então é uma extrema dificuldade você conseguir abrir mão dos critérios tradicionais modernos ocidentais e fazer alguma leitura do Brasil que não recaia num tipo de nacionalismo mais estreito do que aqueles critérios dos quais você abriu mão. Porque, na verdade, são duas forma de tautologia, você assume, como ponto de partida, os valores da civilização ocidental, da modernidade ocidental, e você mede o Brasil por ele. Então, na verdade, você está cometendo uma tautologia, efetivamente o que você está avaliando é o quanto nós não cumprimos plenamente esses critérios que nós adotamos sem nenhum tipo de avaliação preliminar. Esse é o nosso ponto de partida. Bom, nos livramos dessa tautologia, pra adotar uma tautologia brasileira do tipo “tudo o que nós fazemos é lindo e maravilhoso e perfeito porque são brasileiros.” Quer dizer, não faz sentido abrir mão de uma tautologia pra cair em uma outra que deixa de ser internacional, que parece mais estreita, pra se tornar uma tautologia nacionalista, né? Então assim oh, eu até digo no livro, eu



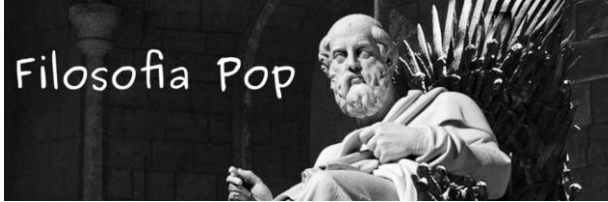
caminho numa lâmina de uma faca, obviamente, você tenta se livrar, fazer uma leitura do Brasil um pouco mais, digamos, amorosa, porque, numa tentativa de compreender a lógica interna que leva o Brasil a ser o que ele é ao mesmo tempo que você não pode simplesmente dizer: “olha, está certo.” Então, por isso que o livro se chama “Apresentação do Brasil”, não é uma defesa do Brasil, é uma apresentação. Ai cabe a cada um de nós tomar uma postura. Diante do reconhecimento dessa lógica peculiar que é ser brasileiro, e que eu acho que é uma lógica diferente dos valores ocidentais modernos e contemporâneos o que nos cabe fazer? O livro não avança em nenhuma dessas soluções. Infelizmente, eu acho mais prudente, pelo menos, nesse primeiro momento não avançar nisso. Agora, o fato de reconhecer uma lógica alternativa vigente no Brasil, ela permite, por exemplo, que soluções sejam formuladas de maneira contextual porque a velha lógica da crítica exterior feita a partir desses critérios ocidentais modernos, ela... nós já sabemos o resultado. O resultado é: o Brasil é um país que não cumpriu, plenamente, os valores ocidentais, não cumpriu, plenamente, a ideia de República, não cumpriu, plenamente, os valores democráticos. Ou seja, nós não cumprimos isso. Bom, mas nós não cumprimos isso há muito tempo. O país existe há quinhentos anos, e, pelo menos, há duzentos é, quase duzentos ele é independente, ele caminha com as suas próprias pernas. Se nós não cumprimos isso é sinal de que nós resistimos a esses valores. E nós resistimos por quê? Porque os nossos valores, os valores predominantes no Brasil não são esses valores. Nos custa muito sacrifício qualquer movimento de modernização. Então, quer dizer, agora a dificuldade de fazer uma leitura, que é o tema da pergunta, né? A dificuldade de fazer uma leitura do Brasil fora dos parâmetros modernos tradicionais, portanto, também fora dos padrões intelectuais nos quais eu me formei como filósofo brasileiro, eu me formei, como todos os filósofos brasileiros, lendo uma tradição filosófica do mundo ocidental. Então me livrar um pouco desse conjunto de valores, embora eu os utilize como critério de comparação, mas não como critério de avaliação, me livrar disso sem resvalar pra defesa singela de que o Brasil é um país maravilha e que o nosso modo de ser, tal como está, é muito promissor, muito interessante. Então, às vezes, eu tenho a sensação no livro que eu mais oscilo de lá pra cá do que propriamente exista um meio termo possível mesmo. Agora, a tentativa de ser heroico no sentido de “bom, a partir disso então eu formulo um projeto alternativo de desenvolvimento pro país” me parece, nessa altura da época que nós vivemos, nessa época da História, só pra lembrar no século passado nós passamos por duas guerras mundiais, uma delas, claramente, motivada por projetos de civilização alternativos. Eu não tenho nem pretensões nem coragem pra me meter numa empreitada desse tipo. Acho que o risco de produzir sofrimento pra pessoas não vale a pena. Então, pelo menos, que a gente seja capaz de fazer um diagnóstico, uma leitura um pouco mais atenta pra o que significa ser brasileiro. Isso, talvez, já nos forneça um contexto pertinente pra formular soluções que não sejam uma mera imposição de valores ocidentais, que, em geral, se nós olharmos pra História do Brasil, essas implementações não têm funcionado bem. As nossas tentativas de modernização a todo custo não tem dado bons resultados. O custo é alto, o custo humano é alto, o custo cultural é alto. E eu me lembro de uma frase do Merquior sobre esse assunto dizendo uma coisa interessante. Ele diz assim: “seria lamentável que nesse momento em que esse conjunto de valores modernos, ocidentais dá sinais de fragilidade, de decadência, que justamente agora nós vamos abrir mão da riqueza cultural brasileira, da peculiaridade cultural brasileira, e encampar esses valores, justamente agora que eles estão, visivelmente, apresentando problemas graves como projeto civilizatória pro ser humano, como uma promessa de um mundo justo, feliz e ético



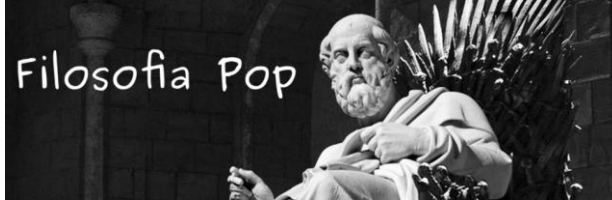
prás pessoas.” Então eu também acho: seria lamentável que nós que, bem ou mal, resistimos, inclusive, de maneira involuntária, porque ninguém pensou em resistir, pelo contrário, me parece que o Brasil tenta se modernizar e tropeça nas suas próprias limitações culturais. Então não é nada heroico, não é nenhum tipo de resistência porque nós somos diferentes. Nada disso. É mais uma resistência inercial dos valores culturais que não se transformam. E eu acho que, no livro, eu consigo explicar um pouco essa lógica alternativa e porque que há uma resistência desses valores. Acho que sim, há uma resistência. Mas não é uma resistência heroica, é uma resistência inercial dos valores, não são pessoas que se tornaram heróis da resistência à modernidade europeia e... Agora, a tentativa, a tentação, melhor dizendo, de resvalar pro nacionalismo, isso é uma coisa que me preocupa, me preocupou no livro permanentemente. Eu não sei se eu consigo... como eu disse: me parece mais que eu oscilo entre uma leitura favorável e alguma coisa um pouco crítica com relação ao Brasil, mas também não encampando, não fazendo essa primeira modalidade de tautologia que eu me referi. Quer dizer, fazer uma crítica ao Brasil porque ele não cumpre valores ocidentais modernos. Isso não nos leva a nada, nós já sabemos disso. Isso é corriqueiro. Eu acho que a Filosofia nem devia se ocupar com isso. Isso é trivial. Quer dizer, que nós não somos um país plenamente moderno nós já sabemos, a questão que me interessa é por quê? Por que nós não somos? Por incompetência? Esse é o discurso tradicional de novo. Nós já sabemos que, do ponto de vista europeu, americano, ocidental, nós somos incompetentes. Mas por que nós somos incompetentes? Nós somos incompetentes em relação a que tipo de realização? A uma realização ocidental, moderna. Me interessa mais saber por quê. E ao descobrir porque me parece que a gente ganha alguma coisa, a gente ganha uma leitura mais próxima do Brasil que existe. E, portanto, talvez isso nos permita criar alternativas de resolver os nossos problemas com recursos mais apropriados pra essas limitações. Eu não sou um atleta, então não adianta eu propor, por exemplo, que eu vá ultrapassar um obstáculo saltando oito metros de altura. Isso é inviável, eu não sou um atleta. Talvez eu possa cavar um poço e passar por baixo, alguma coisa assim, ou dar a volta. Enfim, eu acho que o conhecimento efetivo das potencialidades de quem está envolvido na resolução de um problema são essenciais pra você pensar em alternativas. Me parece que a mera tentativa de adequar o Brasil a padrões modernos, ocidentais, não tem funcionado. Não é que não podem funcionar, o preço é alto, e não tem funcionado, me parece que não tem funcionado. Eu dou vários exemplos no livro, aí eu trato da questão de Educação, da questão da liberdade, da questão da ética, da questão da corrupção política, enfim. São vários assuntos que demonstram historicamente esses exemplos de como o Brasil não cumpre, efetivamente, esses valores modernos. Mas eu tento explorar por que não cumpre. Que isso me parece aí um ganho de reconhecer essas peculiaridades do mundo brasileiro.

Murilo Parece que na sua fala sempre fica como definição do que é o brasileiro, assim, do resto do mundo. E no livro você fala do *homo brasiliensis* na “Apresentação do Brasil” O que seria esse *homo brasiliensis*?

Ronie: Bom, esse *homo brasiliensis* é basicamente... Eu faço uma distinção no livro entre sujeito e indivíduo, né? Eu entendo que o *homo brasiliensis* é um indivíduo. E qual a diferença entre sujeito e indivíduo? Basicamente, o sujeito que nós entendemos por sujeito é um homem que se deslocou da sua própria condição. Então é um homem que vive uma tensão em que um projeto, um projeto do que ele deve se tornar, portanto, um



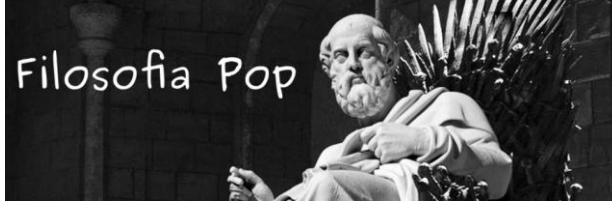
reconhecimento inicial daquilo que não é. É difícil mapear culturalmente qual é a origem disso. Você pode remeter isso até pra ideia do pecado original. Ou seja, nós, do ponto de vista cristão convencional, nós nascemos com uma deficiência, uma falha, e nós devemos, do ponto de vista ético, tentar reparar essa falha. Obviamente, isso tem uma longa história, o cristianismo sofreu mutações diversas, mas esse valor, aparentemente, ele molda a condição humana na modernidade de tal maneira que você tem esse sujeito. Então você tem uma diferença entre o que a pessoa é e o que ela gostaria de se tornar. Entre esse... Esse processo que se abre então como uma possibilidade do homem realizar esse projeto pessoal é o que, por exemplo, nós chamamos de História, né? A História envolve um projeto. Nós nos deslocamos no tempo em direção a alguma coisa que nós desejamos. O indivíduo não está no tempo. Por quê? Porque o indivíduo, e aí eu estou falando do *homo brasiliensis*, ele não sente essa falha original e, portanto, ele não está empenhado numa melhoria pessoal. Eu posso dar vários exemplos disso. Se as pessoas que estão ouvindo conhecem bem o Brasil já notaram, por exemplo, a seguinte situação: você está numa cidade do interior do Brasil e você vê uma pessoa caminhando. Essa pessoa, visivelmente, não está indo para algum lugar ou ir para outro lugar não é a sua preocupação principal. Ela caminha, digamos assim, sem nenhum tipo de preocupação, ela caminha livremente, ela mais comemora o fato de estar viva do que, propriamente, se desloca em direção a algum lugar. Eu diria que essa pessoa mais comemora a sua perfeição ontológica do que se sente constrangida a se empenhar num processo de melhoria pessoal. E isso, me parece, é uma característica importantíssima no homem brasileiro. Nós não estamos, obviamente, aí, eu estou simplificando muito as coisas, obviamente, eu estou tentando caracterizar aquilo que seria um padrão universal do brasileiro, que, obviamente, não existe, mas uma coisa que me permite um tipo ideal, usando uma expressão conhecida, é um tipo ideal que me permite compreender algumas características do Brasil. Claro que nós estamos vivendo num ambiente marcado por valores modernos, pela noção de sujeito, portanto, as pessoas, algumas delas mais do que outras, estão imbuídas sim de um processo de autoaperfeiçoamento pessoal no Brasil. Isso a gente nota mais no Sul do país do que no Norte e no Nordeste. De qualquer maneira esse sujeito, esse homem, perdão, que eu estou entendendo como sendo o *homo brasiliensis*, ele não organiza a sua vida em função de um autoaperfeiçoamento, ele não está inserido no mundo histórico, nesse processo em que há uma tensão e um reconhecimento de uma situação negativa em que nós nos encontramos e uma situação positiva para a qual nós marchamos. Então, por exemplo, pode parecer estranho o que eu vou dizer, mas é visível que para algumas pessoas no Brasil a miséria não é um problema. A miséria é um problema pra nós, nós que adotamos o ponto de vista moderno, nós que formulamos um ideal do que o ser humano deve ter, deve possuir o mínimo de dignidade, mas que, em geral, nós notamos que para algumas pessoas a miséria não é problemática. Elas são plenamente felizes na miséria. Não estou defendendo a miséria, estou reconhecendo que para algumas pessoas isso não é um problema. Por quê? Porque ela não executou essa fratura entre o que ela é e o que ela deveria ser. Ela vive imersa na sua situação ontológica, e ela não vê problema algum na maneira como ela vive. Portanto, eu digo que, de certa maneira, o homem brasileiro, ele tem uma noção, ele vive imerso numa situação de perfeição ontológica porque os problemas não o atingem. Então vou dar um exemplo, um outro exemplo do meio universitário, não só um problema que eu percebo, mas que outros pensadores também notaram. Me lembro de uma passagem do Lévi-Strauss que ele nota isso nos estudantes paulistas da década de 1940 quando estava no Brasil em São Paulo lecionando. Ele dizia que os estudantes brasileiros eram



interessados no conhecimento, mas interessados como uma novidade, eles queriam estar a par das últimas novidades na área do conhecimento, mas não havia aí uma transformação pessoal verdadeira. Não era essa a preocupação, não era para decidir como o ser humano, ou que direção você dá à vida humana a partir desse conhecimento. É uma questão de adereço, o conhecimento é um adereço, o conhecimento serve pra eu expresse que eu tenho conhecimento das últimas modas, das últimas ideias intelectuais que foram produzidas. Vejam, proporcionalmente, esta é, de certa maneira, a mesma relação que os indígenas brasileiros tiveram com a chegada dos jesuítas aqui em 1549. Você tem, por exemplo, “Sermão sobre Conversão do Gêntio”, eu acho que esse é nome, do Padre Manuel da Nóbrega, em que ele diz o seguinte: “se eu dou um anzol pro índio ele se converte ao cristianismo, ele se ajoelha e ele reza, mas se eu der um outro anel ele se desconverte e volta a ser indígena.” Eu acho que é o Jean de Léry, um francês que estava na expedição da colonização do Rio de Janeiro. Ele faz um discurso, ele converte os índios a abandonarem a antropofagia, a serem fiéis ao cristianismo. Eles concordam com ele, eles se ajoelham, eles cantam louvores e antes do final daquela noite eles estavam bebendo cauim e jurando vingança, vingança antropofágica, obviamente, aos inimigos da sua tribo. Então você tem uma relação em que, embora se aceite os valores diferentes, esses valores, eles não submergem numa dimensão profunda da individualidade. Mesmo quando nós estamos expostos a valores diferentes dos nossos, como os valores modernos do mundo ocidental, esses valores arranham apenas a superfície do indivíduo, mas não há profundidade no sujeito pra que esses valores façam diferença. Eles não são assumidos naquela dimensão subjetiva que os modernos, em geral, assumem esses valores. O homem moderno, ele pode se converter ao cristianismo, e essa conversão é autêntica, ele passa a experimentar profundamente esses valores porque ele passa a servir a esses valores. A relação do brasileiro, seja do indígena, seja do estudante paulista, seja do índio no Mato Grosso posteriormente... quer dizer, se pode dar vários exemplos disso, a relação é que você experimenta esse conjunto de valores diferentes segundo o seu próprio modo de vida. Então eles não arranham sequer a superfície da individualidade. Então o homem brasileiro, *homo brasiliensis*, ele está protegido. Eu digo que ele tem um sistema de blindagem ontológica, ele está protegido por uma carapaça robusta que impede que esses valores lhe retirem dessa condição de perfeição, dessa situação paradisíaca. E é muito curioso isso porque em toda cultura brasileira você tem esse discurso do paraíso presente, mas o paraíso não está muito bem definido. Aí você diz: “pô, que paraíso é esse num país com brutais diferença de distribuição de renda, com miséria?” Bom, o paraíso está dentro das pessoas, o paraíso acontece quando as pessoas não percebem ou não sentem que há nelas uma falha profunda. Não há onde ancorar o projeto de melhoria pessoal porque não há carência. Onde não há carência não há miséria, onde não há miséria e nem carência, isso é o paraíso. Então o paraíso está aí, não está no... o paraíso não é factual, não é um conjunto de fatos que se impõe. O paraíso está na leitura e na atitude do brasileiro de acreditar que sobre todas as coisas, por piores que elas lhe pareçam, ainda assim ele é um ser perfeito e feliz. Tem uma música do Noel Rosa em que ele diz assim... um verso brilhante sobre isso, ele diz: “fui bobo porque quis.”

[Música de Noel Rosa Não Foi Por Amor]

Não foi por amor, meu bem
Que por mim você chorou



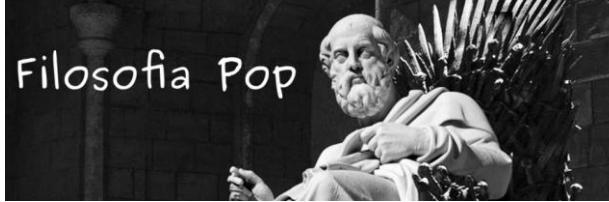
Você foi interesseira
Quis amar de brincadeira
Só enquanto me explorou

Só enquanto me explorou
Pra depois ficar dizendo
Que a sorte não lhe ajudou
Pra depois ficar dizendo...

Ronie: Ou seja, até no momento em que você seria rebaixado a uma condição indigna em que os outros lhe fazem de bobo você ainda pode afirmar, recolocando as coisas na sua verdadeira dimensão, ou seja, executando aquele que nós dizemos de... “demos a volta por cima.” Ou seja, fazemos uma interpretação benéfica das coisas para nos mantermos plenamente blindados com relação a qualquer tipo de imperfeição ou de rebaixamento da nossa condição ontológica perfeita. Isso você nota, por exemplo, esse é o mesmo tipo de atitude que um político brasileiro tem quando é flagrado em atos de corrupção, por exemplo. Ele nega permanentemente, ele inverte o sentido de qualquer fato, ele faz uma manobra semântica, de tal maneira que a sua defesa se torna possível. Eu me lembro o Collor de Melo, Fernando Collor de Mello, quando foi caçado ele assinou o termo da cassação, tomando ciência da cassação, e ele vestiu uma camiseta que estava escrito assim: “o tempo é o senhor da razão.” Qual é a mensagem que eu entendo que ele estava transmitindo? “Oh, agora pode ser que eu pareça um corrupto, eu pareça um presidente ruim, mas ao longo do tempo no futuro da História algum dia vão reconhecer que eu tenho razão e que eu não sou nada disso.” Ou seja, há sempre a possibilidade de que nós não sejamos tragados pelos fatos negativos que rebaixam a nossa dignidade, a nossa moralidade. O brasileiro sempre tem essa tendência de dar a volta por cima. É sempre possível num futuro ou num outro contexto em que eu me dê bem, em que eu saia dessa situação por cima. O malandro brasileiro nada mais é do que essa figura que, por uma série de estratégias semânticas, sempre fornece aos outros uma leitura positiva de si mesmo. Dar a volta por cima, sair-se bem, dar um jeitinho sempre é essa capacidade criativa, e isso sim é uma virtude brasileira de criar um contexto... uma virtude brasileira para os critérios brasileiros, de criar um contexto que lhe seja sempre favorável, mesmo naquelas condições que parecem mais adversas. Então Noel Rosa é muito brilhante quando diz “fui bobo porque quis” “se tem alguém que pode me fazer de bobo sou eu mesmo, mas essa condição não me rebaixa.” O que me parece que caracteriza o homem brasileiro é essa capacidade de, acima de todas as circunstâncias, acima de qualquer situação degradante, que nos parece degradante, manter-se superior.

Murilo: Bom, não sei se seria mais ou menos nesse sentido que, por exemplo, quando o cidadão normal, comum brasileiro, reclama da corrupção do governo, por exemplo, parece que ele está muito mais descontente de ele não estar participando do esquema do que de mudar a dinâmica de como as coisas funcionam mesmo, ele não quer uma mudança, mas ele queria estar incluído no esquema, ele queria estar o malandro também.

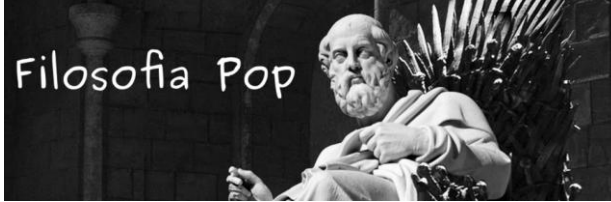
Ronie: É, porque você... veja bem, você exigir que as leis funcionem pra todos significa que ela também vai funcionar pra mim, ela deveria funcionar pra mim. E nesse sentido a validade incondicional da lei que não faz distinção entre as pessoas me prejudica e me



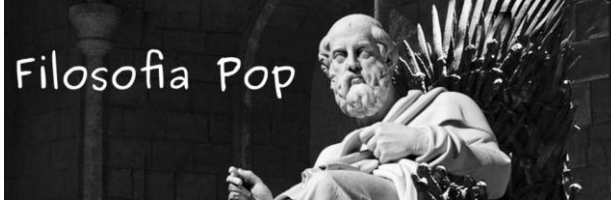
rebaixa, porque em vez de usar a lei a meu critério quando me convier, quando não me convier eu não uso, que é a prática no Brasil, ela deveria se impor, ou seja, ela deveria se converter num valor objetivo para todos. Mas ninguém, no Brasil, na verdade, quer isso. As pessoas querem, na verdade, preservar a sua condição de não se submeter de maneira imperativa a qualquer outro valor externo, porque isso é rebaixar as pessoas. Você reconhecer que há um valor externo superior a você é uma maneira de rebaixar o indivíduo, portanto, dizer que ele não é tão elevado assim, não é tão perfeito, que ele precisa de um projeto de melhoria pessoal, ele precisa se converter em outro tipo de ser diferente do que ele já é. Então, na verdade, eu concordo com o que você está dizendo, quer dizer, há muito de... a gente, em geral, reivindica o fim da corrupção, a validade incondicional da lei, mas nós sabemos que a corrupção no Brasil não é um problema de um partido ou de outro, de um tipo de político e de outro. A corrupção é endêmica da sociedade brasileira. Ela acontece desde você não respeitar um sinal de trânsito, uma faixa de pedestre, você tirar proveito das coisas pequenas, você não devolve um troco errado. Enfim, os exemplos são vários. Até uma licitação de milhões e milhões como agora se revela mais uma vez nas investigações da Lava Jato. Enfim, na verdade, você tem uma situação de desrespeito à lei. Mas o que me interessa mais, quer dizer, de falar em desrespeito à lei de novo nós voltamos para aquilo: então nós somos um país que não consegue ser moderno. Esse é o discurso padrão. Eu estou interessado em: por que não nos tornamos modernos? O que nos impede de nos tornarmos modernos? E aí eu tenho uma resposta pra dar: torna-se moderno é tornar-se um homem menor do que nós somos, torna-se menor, reconhecer que nós estamos subordinados a um valor que é maior que nós, seja o valor da sociedade, o valor da justiça, o valor da ética. Isso não se articula com o conjunto de valores que é predominante no Brasil.

Marcos: Mas que é interessante fazer uma ligação entre a análise do Ronie e essa análise que está no "Apresentação do Brasil" e o trabalho que ele fez um pouco antes tentando dar alguma tradução dos eventos de 2013, das manifestações, né? Como que esse indivíduo se manifesta politicamente, né? Se tem essa ligação entre um tipo e essa efervescência que foi as manifestações de 2013. Eu queria que ele comentasse sobre isso.

Ronie: Pois é, eu me lembro que é... eu fiz um comentário uma vez, acho que em uma outra conversa, quando os eventos aconteceram, de 2013, me pareceu que, por exemplo, que nós estávamos... obviamente, estava me lembrando do movimento Occupy, do próprio evento do site Wikileaks, esse movimento de maior transparência, exigência, digamos, de reduzir uma certa legitimidade da ação do Estado a uma ética... parecida com a ética dos indivíduos. Então, de certa maneira, questionar a legitimidade do Estado pra ser desonesto, pra fazer espionagem pra, inclusive, cometer assassinatos de interesse nacional. A gente sabe que isso acontece. E me pareceu que nós estávamos alinhados com isso, mas eu analisando com mais cuidado, talvez entendendo... estava escrevendo o "Apresentação do Brasil", talvez entendendo com um pouco mais de carinho no Brasil, né? Eu acho que não. O que me parece que acontece... talvez eu não tenha uma leitura muito positiva dos eventos, talvez não seja otimista. Não que eu... não pretendo nem concordar nem discordar dos eventos, obviamente, são manifestações políticas e... Eu acho que talvez eu não seja otimista do ponto de vista da interpretação que eu faço dos eventos. Eu acho que eles manifestam, em último caso, a nossa falta de vocação pra democracia. Talvez eu esteja lendo os eventos de 2013 já de olho nos eventos de 2014 e 2015. Me parece que



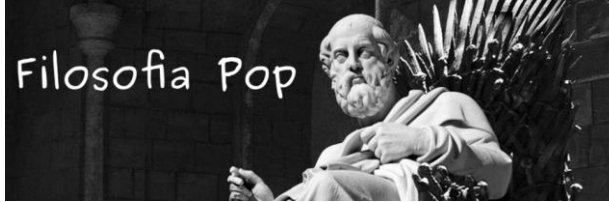
nesses últimos três anos que nós estamos manifestando o nosso cansaço do jogo democrático, né? Que o jogo democrático é muito demorado pra resolver os problemas. E o brasileiro não entende, não está preparado, talvez, pra fazer uma interpretação de que o que está jogando no mundo é uma solução muito gradual dos problemas. Nós temos essa vocação messiânica. Por que uma vocação messiânica? Porque nós fazemos transfigurações semânticas das coisas na nossas vidas cotidianas, nós não nos deixamos vencer por problemas, nós, simplesmente, mudamos o sentido dos problemas, nós transformamos algo que poderia ser um problema numa vantagem. De novo aquela frase do Noel, né? “Fui bobo porque quis.” Quer dizer, nada, na verdade, se transforma em motivo pra que eu me empenhe num longo processo de melhoria pessoal. E me parece que o Brasil também não tem esse talento,,, ai eu estou analisando o... fazendo o mesmo tipo de raciocínio que serve pro indivíduo brasileiro no país como um todo. Não me parece que o Brasil tenha disposição pra enveredar pro um longo processo de amadurecimento que leve a resolução de seus problemas. Então se você notar, a História do país é sempre caracterizada por esses lances, né, lances de soluções mágicas, de soluções súbitas dos problemas, muito rápidos e que não envolvem mudanças estruturais. Então eu me lembro, por exemplo, no governo Fernando Henrique Cardoso uma coisa que me chocou profundamente, e eu me espantei muito na época porque eu não via na universidade nenhum tipo de reação a uma coisa absurda. Nós estávamos vivendo um período de democracia política, democracia do ponto de vista da eleição dos nossos representantes e tal. O Fernando Henrique Cardoso baixou uma medida, eu, inclusive, cito no livro o número da medida, a data, não me lembro de memória agora, mas essa medida era o seguinte: era uma medida pra resolver o problema de doação de órgãos no Brasil. Os índices de doação de órgãos estavam muito baixos e o Fernando Henrique então baixou uma medida dizendo o seguinte: “caso o cidadão não tivesse manifestado seu desinteresse em doar os órgãos ele se transformava num doador compulsório.” O que significa isso? Significa mais ou menos o seguinte: o Estado brasileiro se tornava dono, por decreto, dos corpos de todos os cidadãos, exceto daqueles que manifestassem interesse em ter o seu próprio corpo e cuidar dele e tomar as decisões. Quer dizer, um negócio despropositado vindo de uma pessoa que tem uma trajetória intelectual, de luta democrática, que você diz: “tá, mas isso é digno da União Soviética nos piores anos da ditadura do proletariado, uma coisa absurda sim, uma espécie de comunismo dos corpos, né? O Estado é proprietário de todos os corpos a menos que o indivíduo diga: “não, do meu corpo, eu quero cuidar e eu não serei doador.” Então o cara tem que dizer por escrito que o corpo é seu. Então, quer dizer, essas manifestações de falta de profundidade dos valores democráticos na vida política e na vida cotidiana dos brasileiros. Então assim oh, a maneira como eu interpreto os eventos de 2013, 2014, 2015 é o seguinte: a vida democrática, o jogo político-democrático no Brasil, esse é o período de maior duração da vida democrática, do jogo político. Eu acho que as pessoas estão cansadas disso. Eu, por exemplo, não era nascido em 1964, mas vendo os últimos eventos no Brasil, eu entendo perfeitamente o que leva a um golpe militar, porque essa insatisfação constante com tudo, essa insatisfação constante com a demora com que as coisas se resolvem, essa insatisfação com as investigações que revelam a corrupção no Brasil, e muitas investigações terão que ser levadas a termo até que parte da corrupção venha à tona, e ela jamais virá toda porque é uma questão endêmica no Brasil, ela é geral pela sociedade toda. Ou seja, mesmo quando as instituições do mundo democrático, uma Justiça independente, por exemplo, elas começam a funcionar, justamente ai a gente se cansa do jogo democrático. Isso é lento. A solução pra



esse problema, dentro das regras da democracia, é lenta. E isso, digamos assim, contraria os valores predominantes no Brasil. Nós queremos soluções imediatas, o nosso messianismo é muito profundo, nós queremos uma prestidigitação semântica instantânea, eu quero que os problemas se resolvam assim, rapidamente, num estalar de dedos.

Murilo: Isso se reflete também no futebol, quando o seu time está ruim troca o técnico que é a solução mais fácil.

Ronie: Perfeito o seu exemplo. Se você analisar, isso perpassa toda a sociedade brasileira. Exatamente, no futebol você tem essa tradição, o time está ruim troca o técnico. Quer dizer, é um gesto súbito de mágica que vai resolver os nossos problemas. Não é o esforço continuado, não é processo histórico, é a mudança semântica abrupta. “Aqui meu, mudamos de perspectiva.” A gente tem vários exemplos, talvez o nosso exemplo mais dramático seja, inclusive do futebol, a final da Copa do Mundo de 1950, que nós éramos para nós mesmos, para a imprensa e para todo mundo nós já éramos os campeões antes do jogo. Só que, infelizmente, não combinamos com a outra parte que resistiu e não... E aí nós nos deprimimos barbaramente porque a realidade não está de acordo com aquilo que nós imaginamos que ela poderia nos trazer. Então eu acho que, na verdade, o que caracteriza a situação atual no Brasil é um cansaço do jogo democrático, né? É um cansaço do tipo “isso demora muito, esse processo é muito demorado, muito longo.” E as pessoas têm que fazer esforço permanente. Essa coisa da vigilância do cidadão, entendeu? O cidadão brasileiro que tem que vigiar as coisas. O brasileiro não tem vocação pra essa vigilância contínua de político, de relações de consumo. Poxa! Eu fico pasmo, né? Assim, eu, às vezes, demando serviços de empresas privadas. Não funcionam, as empresas não conseguem prestar o serviço. Não é porque é o serviço público que não funciona. Não, isso aqui não é um capitalismo, as empresas não prestam serviço. Elas tentam sacar o seu dinheiro sem prestar o serviço. Então, por exemplo, eu tento exatamente há um ano conseguir uma assinatura de TV a cabo. Eu não consigo. Eu consigo que o início da cobrança, a fatura chegue, mas não consigo que o serviço chegue. A cobrança já começou três vezes, e eu, arduamente consegui cancelar as cobranças, mas o serviço jamais chegou. Então o que eu vejo no brasileiro é essa falta de paciência, essa falta de habilidade pra lidar com processos que envolvem a constituição daquele que o sujeito moderno se especializou. Quer dizer, escolhem um determinado conjunto de valores e ele consegue transformar gradualmente a sua vida, ele consegue fazer com que a sua vida se aproxime desse ideal. O indivíduo quer se tornar ético. E ele se esforça ao longo da sua vida pra construir um padrão de ação que reflete esse conjunto de valores. O brasileiro é, profundamente, inconsistente. Não é que nós não tenhamos habilidades pra adotar valores modernos. Nós temos. Nós adotamos e desadotamos. Nós somos um pouco ainda os indígenas do Padre Manoel da Nóbrega, nós nos convertemos e no dia seguinte nos desconvertemos. Então não é falta de habilidade, é falta de capacidade de dar consistência ao longo do tempo. Você pega qualquer instituição brasileira, por exemplo, a polícia, a polícia foi criada para fortalecer a segurança do cidadão. Na maior parte do país a polícia é uma ameaça à segurança do cidadão. Às vezes, ela nos ajuda, às vezes ela nos atrapalha, às vezes ela assassina cidadãos inocentes na rua. Quer dizer, essa inconsistência, essa falta de capacidade de dar ao mundo prático o mesmo conjunto de valores que foi intencionado no início, uma polícia que seja funcional, que seja de acordo com os valores que fundaram a instituição polícia. Isso é difícil no Brasil. Então, por exemplo, você cria um determinado organismo, você cria uma universidade pra



desempenhar determinada função, cinco anos depois, se você for analisar, metade da força de trabalho das pessoas está sendo usada pra outra coisa. Esse padrão de inconsistência permanente. Então, por exemplo, é claro que, do ponto de vista político, isso a longo prazo dá na seguinte situação que nós vivemos hoje, essa coisa de... embora eu não ache que vá acontecer golpe militar nesse momento, mas essa sensação de que o mundo político está todo corrompido, está esgarçado e precisa ser refundado, nós temos que começar de novo do zero. Não sei como, enfim, da onde vamos tirar os políticos. Talvez que a gente tenha que criar um “Programa Mais Políticos” também.

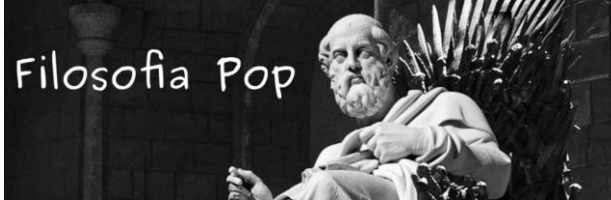
[riso]

Murilo: É, porque os políticos não vêm de foram, né? Eles vêm da própria sociedade.

Ronie: É, pois é. Então, quer dizer, porque da sociedade que nós temos vão sair políticos com as mesmas características. Então assim, essa necessidade de refundar as coisas é uma cultura de golpe, é uma cultura de mudanças súbitas, de fazer mágica. Então, por exemplo, quando nada, no Brasil, funciona o cara cria uma lei, uma lei, por exemplo, como essa que eu citei do Fernando Henrique. A lei não tem nenhum efeito prático, pelo contrário, essa lei, inclusive, foi... esse decreto foi anulado porque o que se verificou foi que diminuíram as doações de órgãos. Porque os médicos não tinham coragem de executar o decreto. Entendeu? Não eram capazes de, contra a vontade das pessoas, de pegar um órgão que a pessoa não tinha doado de verdade, de maneira voluntária. Então em vez de você investir nas mudanças culturais, por exemplo, nesse caso da doação, fazer campanhas de conscientização pra convencer as pessoas da importância de o órgão ser doado pra uma outra pessoa, a sobrevivida que essa outra pessoa vai ter, o bem que você pode fazer pro próximo, você, por decreto, tenta resolver o problema. Quer dizer, uma demanda permanente por mudanças súbitas. Ora, mudança súbita na política chama-se golpe, Golpe de Estado, revolução. Ou seja, o Brasil anseia por isso. Eu espero que não aconteça, realmente, espero que não aconteça. Agora, claramente, a população, a maioria da população, anseia por uma mudança súbita. Esse governo que aí está é corrupto, esses políticos que estão aí são corruptos, mas sempre se pensa num salvador que venha limpo. Mas todos os políticos que estão na política hoje estão contaminados pela prática absolutamente bem distribuída da corrupção no sistema político brasileiro. Porque não é só no sistema político. Mas então, quer dizer, o brasileiro tem essa expectativa da mudança, da mágica, pensamento mágico, muda-se tudo, faz-se uma mudança, vamos começar de novo, vamos contratar um novo técnico, vamos mudar o técnico.

Murilo: Não é à toa que não teve um só golpe no Brasil, já tiveram vários.

Ronie: Então assim, é o que eu disse, a minha leitura, a minha leitura talvez não seja uma interpretação das mais otimistas. Eu acho que isso expressa a nossa necessidade de uma mudança súbita no mundo político. Nós estamos cansados disso já, são muitos anos de democracia nesse joguinho de ganhar muito pouco. Por exemplo, é inegável que o Brasil evoluiu em termo de distribuição de renda. Nós acabamos de sair do mapa, que é um mapa que não é feito, os indicadores não são feitos por brasileiros, é da ONU, o mapa independente. Quer dizer, há, pelos observadores internacionais, melhorias nas condições da população mais pobre do Brasil. É um governo que tenta fazer inclusão social de



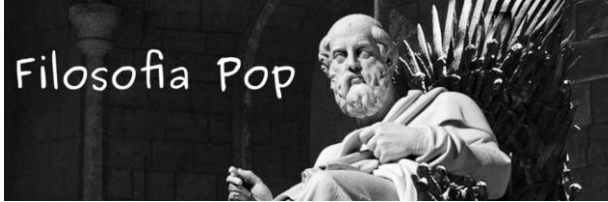
maneira inegável. Mesmo assim nós entendemos que é um avanço lento, insuficiente. Nós queremos reverter quinhentos anos de espoliação e governo da elite para elite em vinte anos. Claro, isso não é possível de ser feito, né? Você não pode...se você não usar a força, de novo, se você não usar a força você não consegue reverter isso. O jogo democrático é um jogo lento de ganhos e perdas. Vejam só, a parte mais conservadora da política brasileira hoje é o Congresso Nacional. E aí como é que você vai fazer mudanças e, muito mais, mudanças súbitas contra um congresso que é conservador, e que foi eleito pela maioria da população, que tem legitimidade pra ser conservador. Ele tem legitimidade pra isso. Então é natural que ele emperre os avanços. Mas enfim, eu vejo que os eventos dos últimos três anos, o que eles denotam é cansaço com o jogo político-democrático, com a lentidão que o processo histórico e de melhoria que faz parte de toda democracia, de grandes perdas, avanço e recuo.

Marcos: Eu sei dos projetos todos do “Drummond e a Filosofia”, “Caetano e a Filosofia” etc. Então eu sei também muito bem que agora você está montando o projeto sobre “A Religiosidade Brasileira e Filosofia”.

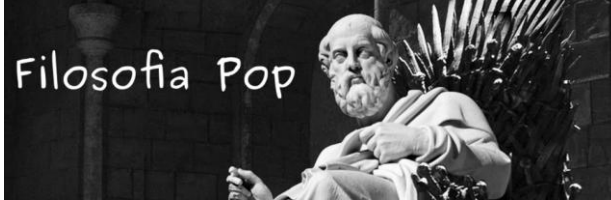
[risos]

Marcos: Que parece ser um projeto muito interessante, né? Então eu queria que você falasse sobre o que você está pesquisando agora, como é que você está pensando essa questão da religiosidade na Bahia? Como você está pensando essa religiosidade brasileira com essa novidade que você traz, que eu acho que é uma grande interpretação, essa da perfeição do brasileiro. Como que isso liga, por exemplo, com a “Apresentação do Brasil”?

Ronie: Olha, só pra dar pro ouvinte uma certa noção dos livros que nós organizamos, eu disse que eu havia organizado inicialmente aquele livro “Drummond e a Filosofia”, foi o primeiro livro que eu organizei com Sérgio Schaefer. Depois nós dois organizamos “Caetano e a Filosofia”, trocamos a poesia pra música popular brasileira. Depois organizamos um livro “O Cinema Brasileiro e a Filosofia”. Depois disso eu organizei sozinho o livro “O Futebol e a Filosofia”. Depois organizei novamente com o Sérgio e com o Renato Nogueira, um professor da Federal Rural do Rio de Janeiro, “O Samba e a Filosofia”, que foi lançado agora em 2015. Estamos preparando a “Religiosidade Brasileira e a Filosofia”. A religiosidade brasileira é elemento importantíssimo da cultura brasileira, né? Você tem um tipo de interseção religiosa no Brasil, a gente chama de sincretismo, talvez seja o termo mais adequado, embora alguns critiquem o termo, diz que, na verdade, há umas máscaras aí, nada mais do que isso. Mas você tem um tipo de relação com o fenômeno religioso muito típica, que é muito específica no Brasil, e que... Por exemplo, o catolicismo que veio pro Brasil é um catolicismo que em nenhum momento ele exige uma reverência muito profunda dos crentes. Isso tanto é notável em festas religiosas, por exemplo, portuguesas, você tem historiadores narrando essa relação do português com a religião, essa ideia da proximidade com os santos. Mas você tem os outros, por exemplo, não só esse fator no catolicismo, então essa pouca reverência, mas você tem também, tanto do ponto de vista das religiões de matriz africana, como das religiões dos índios brasileiros, religiões politeístas, em que as relações de proximidade entre os deuses e os homens são muito grandes também. Então você teria uma conjunção de um tipo de religião que não exige do crente, por exemplo, aquele tipo de reverência rigorosa, aquela observância ao



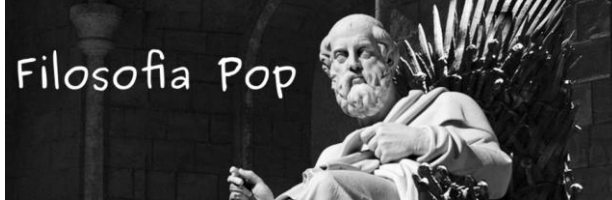
preceito, o respeito ao dogma, por exemplo, que é típico das religiões que influenciaram a Revolução Industrial na Europa, e que levaram, por exemplo, à colonização americana. Eu estou falando, obviamente, do cristianismo reformado, da reforma protestante. Então você tem uma religião que, digamos assim, ela favorece muito a manutenção desse sistema de valores, essa blindagem ontológica, como eu chamo, né, em torno do homem brasileiro. Em nenhum momento a religião se impõe como uma obrigação da aceitação de um valor que é superior ao ser humano. Veja só, mesmo no plano da religião você tem muito essas relações maternas, né, a nossa predileção, inclusive, pelo ponto de vista do catolicismo, pela Virgem Maria do que, propriamente, uma relação direta com Deus. Ao contrário dos protestantes, cuja, relação é direta com Deus, não é com nenhum de seus intermediários, nem com pastores, nem santos de segunda ordem. Então você tem, no Brasil, a permanência desse tipo de crença religiosa, você tem, no Brasil, um fenômeno fantástico que é a imersão, nesse contexto de sincretismo de várias religiões, de uma religião nova, segundo os historiadores datada do Século XX. Eu estou falando da umbanda, que não é a mesma religião do candomblé, esse sim de matriz africana, né? Mas a umbanda é uma religião diferente que mistura um pouco de catolicismo, um pouco de espiritismo da linha kardecista. Enfim, uma religião nova que se expande muito pelo Brasil, tem um número de crentes, é crescente o número de casas ligadas a essa linha. E é muito curioso isso porque eu estava lendo um livro que tentava explicar a umbanda e fiz umas contas por alto e a umbanda faz uma distinção entre várias linhas, cada linha dessas teria várias falanges. Cada linha tem um líder, né, um dos sete orixás do candomblé, então, por tanto, ela pega esses orixás do candomblé que têm o seu lado católico, essa proximidade com os santos católicos, né? Mas o curioso da umbanda é que essas linhas, elas são, vamos dizer, pirâmides, elas são compostas de várias entidades, falanges, que numa conta rápida que eu fiz, as entidades listadas, obviamente, não foram listadas nominalmente, mas a descrição numérica passava de novecentos e cinquenta mil nessas sete falanges. Quer dizer, é uma dispersão do fenômeno espiritual, né, é quase inumerável, ou seja, cada um pode incorporar o seu próprio santo, a sua própria entidade. Ela é quase um atendimento individualizado. Ela permite que cada pessoa experimente esse contato religioso, via processo de possessão, quer dizer, uma experiência profunda como fenômeno religioso, de possessão, por transe, que eu acho bom é o transe, de uma entidade que é peculiar, que só você entre todos os seus conhecidos incorpora. Quer dizer, de novo, é uma religião muito próxima, que se aproxima muito do valor empírico, quer dizer, a pessoa. Não é a pessoa que se move em direção a um valor superior, mas é a entidade que, claro, aparentemente dotada de um poder, ela se adequa a uma situação, ela se aproxima da existência cultural daquele cidadão, ela fala a língua daquela pessoa, ela se comunica diretamente com ela. Então é muito curioso porque você tem um fenômeno religioso atual, do Século XX, enfim, que tem um grande poder de expansão a partir da década de 40, do Século XX, e que ele parece falar a língua do brasileiro. Quer dizer, é um fenômeno espiritual sem a imposição de valores muito rigorosos. Você tem, claro, uma preocupação das congregações umbandistas, das federações umbandistas de estabelecer critérios, mas você imagina, no universo de novecentas, mais de novecentas e cinquenta mil entidades, não possível você fazer tratado de teologia, você delimitar dogmas específicos que impliquem num tipo de observação muito preciso. Cada um pode, em último caso, alegar que segue entidades com a qual ela tem contato direto. Então você vê que, assim, sem entrar em muitos detalhes, essa prática desse tipo de religião, que é uma religião brasileira, isso é muito interessante, é uma religião forjada no Brasil que tem influências do catolicismo, do kardecismo, do



candomblé e das religiões, eu esqueci de falar, das religiões de matrizes indígenas, porque tem as entidades que são caboclos, são índios e incorporam. Esse tipo de religião, ela fala de maneira muito próxima a esse conjunto de valores dos brasileiros. Então, também aí nessa área, eu noto o mesmo conjunto de valores. Aí você poder pensar: “bom, se isso acontece na religião, que, a princípio, é aquele conjunto de elementos que é capaz de demover uma pessoa a mudar de vida... Por exemplo, eu acredito que se há um processo de modernização no Brasil, eu falo sobre isso no livro, se há um processo de modernização no Brasil, ele, por exemplo, não está sendo feito primordialmente, por exemplo, dentro das universidades brasileiras com o processo de educação. Ele está sendo feito pelas igrejas protestantes. Essas conseguem mobilizar as pessoas. Então, por exemplo, você vê... isso é muito comum no interior, igrejas protestantes capazes de alterar profundamente a vida das pessoas. Por exemplo, tira as pessoas do alcoolismo, do uso de drogas, coisa que as religiões tradicionais no Brasil, elas, em geral, não têm essa força, essa compulsão pelo ordenamento da vida, pelo respeito a padrões de comportamento muito sólidos. Isso é muito mais comum das religiões reformadas. Então, se há uma modernização em curso no Brasil, me parece que ela é uma modernização que vem, fundamentalmente, pelo lado das igrejas protestantes. Então, tanto do ponto de vista da resistência e da manutenção dos valores brasileiros, digamos assim, eu estou falando da umbanda, quanto do ponto de vista da modernização, portanto, do desmantelamento desse sistema de valores você tem a presença da religião. Então é muito interessante você observar esses dois tipos de iniciativas simultâneas no Brasil, né? A modernização, me parece que vem aí ganhando força através da conquista de fiéis pelas igrejas protestantes, e você tem a expansão da umbanda que parece falar uma língua contrária, quer dizer, uma adequação da religião à realidade cultural do brasileiro.

Murilo: Essa característica do brasileiro, por exemplo, pode aparecer quando o católico quando você conversa com ele, não é incomum falar, por exemplo, “ah, em outras vidas” e próxima vida mesmo ele sendo católico, né?

Ronei: Sim, sim. Não, e o curioso é que nós não percebemos contradição nenhum nisso, quer dizer, nós não lemos o dogma... nós não lemos o dogma como dogma e nem fala assim: “ah, eu sou espírita, mas, por via das dúvidas, eu passo na igreja uma vez por mês só pra me garantir.” Quer dizer, a gente não lê o dogma, ou seja, a religião serve às pessoas, não são as pessoas que sevem à religião. As pessoas não fazem reverência à religião, aos valores religiosos. “A religião é um elemento a mais que pode me trazer benefícios nessa vida ou na outra ou não.” Enfim, mas você nota claramente que a religião está a serviço do bem-estar da pessoa. Isso é muito comum no Brasil, né? Tem pessoas que frequentam três, quatro tipos de religiões diferentes ao mesmo tempo. E não veem nenhuma incompatibilidade, nenhuma contradição nisso. Quer dizer, não percebem a inconsistência. Ela não é guiada por um único conjunto de valores uniforme que, vamos dizer, que se expande por toda a vida do indivíduo, ela não marca todas as dimensões da vida. Ela marca uma aqui, outra ali ia marcada por outro elemento. Que se você notar, é o mesmo problema da corrupção, eventualmente vale um valor, mas quando eu posso me beneficiar aí eu posso trocar esse valor por um outro que, pra mim, é mais importante. Quer dizer, essa maleabilidade com relação aos valores, os valores se adequam a nós e não nos adequamos a valores.



Murilo: É, acho que a gente já cobriu a maioria dos assuntos aqui, eu gostaria de ver se você quer falar mais alguma coisa pra encerrar, pra dar um fechamento.

Ronie: Não, eu acho que, enfim, não me ocorre algo que eu queira dizer assim...

Murilo: Quer dizer, finalizar, alguma coisa ai Marcos, perguntar, fazer uma pergunta pra encerrar.

Marcos: Não, eu acho que já fez um percurso bem bacana desde o início assim.

Murilo: Vamos partir pras indicações então.

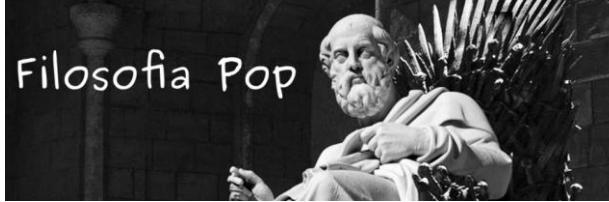
[música]

Murilo: Ronie você trouxe alguma coisa pra indicar pra gente?

Ronie: Modéstia à parte, eu, praticamente falei do livro, então eu vou indicar o livro, né? Olha só, a vantagem da leitura do livro é que o livro foi lançado apenas em eBook. O livro está disponível pra downloads. Não se paga pra ter acesso ao livro. Eu não tenho aqui o site .

Murilo: A gente coloca lá no site. Não tem problema não.

Ronie: É, ok, no site, né? No meu site, na seção “livros” o livro está lá pra downloads gratuito. O livro, além das questões as quais eu fiz referência, ele envolve outras questões ligadas à teoria do conhecimento, à representação da natureza que nós temos, essa questão do paraíso que é muito presente, não só nos discursos sobre o Brasil, mas na própria mentalidade brasileira. Eu diria que é quase um comentário paralelo à cultura brasileira, essa referência a ser um paraíso, a ser um país do futuro. Isso tudo tem uma explicação, eu tento dar explicações pra esses elementos todos que fazem parte da nossa vida cotidiana como brasileiros. É comum a gente falar que o Brasil é uma promessa para o mundo, é um país do futuro. Falo sobre futebol. O livro, também quem quiser depois, no próprio site onde tem esse livro pra fazer o download, o livro completo na íntegra, tem as coletâneas que o pessoal pode conferir. Em geral, tem um capítulo disponível pra leitura, mas esses livros estão editados por editoras comerciais que vendem o livro, então ai pra ter acesso ao livro completo as pessoas teriam que comprar. No caso de “Apresentação do Brasil” não, o download é livre do texto integral. Então eu recomendo a leitura do livro. Acho que o livro permite uma aproximação pelo menos de uma compreensão do Brasil a partir de um olhar um pouco mais cuidadoso com as nossas características culturais. De certa maneira, estou invertendo aquilo que é a prática da Filosofia Brasileira, que é a prática de tratar de outros assuntos, mas nunca do nosso contexto. Mas eu acho que a leitura é interessante porque ela talvez permita, né... talvez eu esteja insistindo no termo, mas esse termo é importante, né, uma perspectiva um pouco mais amorosa de olhar pro Brasil sem resvalar pra aquele tipo de nacionalismo ao qual eu já me referi antes. Mas um pouco mais de cuidado porque eu acho que o que se passa na cultura brasileira é um tipo de resistência. Repito, não resistência heroica de pessoas que têm consciência da resistência. Nada disso. Mas um tipo de resistência muito sofisticada inclusive, muito sofisticada porque ela é manhosa, ela é



muito brasileira nesse sentido. Você imagina todo o contexto de hoje, o mundo que dá certo lá fora, o contexto internacional do qual nós estamos inseridos é o mundo pautado por valores modernos. É a ética do trabalho, é a ética do capitalismo, é a ética do consumo. Você estar disposto a isto e não ter ainda, digamos assim, não ter sido ainda plenamente colonizado por esses valores deve indicar algum processo de resistência cultural muito forte. Mas uma resistência que não se caracteriza, e isso eu trato no livro com certo detalhe, que não se caracteriza como uma mera oposição. Nós não nos opomos aos valores modernos, assim como os indígenas brasileiros jamais se opuseram aos valores cristãos, né? Eles se ajoelhavam, rezavam e no dia seguinte realizavam um ritual antropofágico. Não havia, não há contradição. É o mesmo padrão de comportamento que eu acabei de citar com relação à religião. Nós não percebemos contradição, nós não levamos a vida tão a ferro e fogo, tão a sério que um dogma entre em contradição com o outro.

Murilo: Você quer indicar alguma coisa, alguma referência cultural também, alguma música, alguma coisa pros ouvintes?

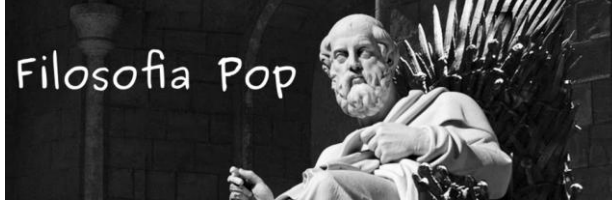
Ronie: Olha, eu recomendaria, por exemplo, eu acho que um sambista que foi fundamental pra desenvolver essa compreensão do Brasil, eu acho que foi uma compreensão das letras do Noel Rosa. Pra mim é o sambista que tem uma capacidade de síntese fantástica dessas características no Brasil. Quer dizer, ouvindo com atenção as letras do Noel Rosa na época de sistematização de estilo musical brasileiro que é o samba, você nota essas características em jogo na obra do Noel. Isso que eu chamei de blindagem ontológica, essa manipulação semântica do mundo que não é aquela, digamos assim, manipulação tradicional do mundo feita pelo mundo ocidental que a gente chama de técnica, né? Essa manipulação semântica do mundo. Isso tudo está muito explícito na obra do Noel Rosa. Eu recomendaria ouvir Noel Rosa.

Murilo: Alguma música em especial ou você acha que ouvir a obra toda?

Ronie: Não, eu acho tem várias músicas dele significativas nesse sentido. Ouvir com atenção Noel Rosa que vocês vão notar que o Brasil está... de certa maneira, que eu tenha conhecimento, me parece a obra que retém o maior número de elementos típicos do mundo brasileiro. Nesse sentido que eu interpreto que é o mundo brasileiro, né? Ali você tem condensado uma série de elementos que permitem uma leitura filosófica que se aproxima daquilo que eu tentei fazer em "Apresentação do Brasil".

Murilo: Marcos você tem alguma indicação pra gente Marcos?

Marcos: Eu vou indicar todos esses livros que o Ronie editou tratando de Filosofia e Cultura brasileira. Eu acho que a gente tem que se aproximar desses temas e eles são porta de entrada. Eu acho que pra quem, mesmo que está na Academia e está tentando aprender algo sobre esses temas ou ter alguma informação eu acho que são boas indicações. Sempre o Ronie, o Sérgio têm o cuidado de nas introduções de falarem sobre... como são coletâneas sempre tem desigualdade entre os ensaios. Alguns as pessoas vão se identificar mais, outros menos, algum tem linguagem mais próxima da Academia, outros menos, mas são tentativas muito válidas de tentar fazer a Filosofia funcionar no Brasil pra pensar a Cultura Brasileira.



Murilo: Mais alguma coisa?

Marcos: Eu acho que só esses livros, a gente coloca todos os livros.

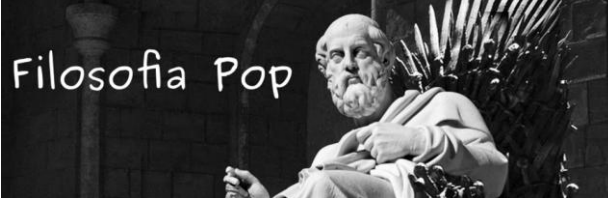
Murilo: Muita indicação, eu acho que está bacana.

Marcos: Já tem muita, já tem muita indicação ai.

Murilo: Nós estamos chegando no fim do programa, eu gostaria de agradecer muito o Ronie por disponibilizar esse tempo pra gente. Foi muito agradável o papo, foi muito construtivo também, acho que aprendi bastante, aprendi muita coisa na conversa. E eu acho que o espaço aqui está sempre aberto, quando você quiser voltar e quiser falar de outros assuntos ou até retomar o assunto, está sempre aberto aqui. Gostaria de abrir o espaço também pra você divulgar meio de contato, falar, fazer uma divulgação mesmo de alguma coisa sua se você desejar.

Ronie: Não, eu quero agradecer a oportunidade de poder falar. Eu estou lançando o livro. Você vê, não temos... não é um livro editado com propósito de venda, então sempre é difícil a divulgação também, né? Então o livro está disponível no meu site, as pessoas podem entrar, tem lá meio de contato, se alguém quiser discutir alguma questão mais particular. Ainda não criei um blog pra isso, mas devo fazer isso em seguida. Mas senão por e-mail, estou disponível, tem lá o meu e-mail. Tem outras publicações se alguém se interessar. Eu fico disponível pra responder. Eu sou professor pelo menos oito horas por dia então tenho tempo pra responder questões de alunos ou interlocutores distantes sejam quais forem. Fico à disposição das pessoas. E agradeço a oportunidade por ter divulgado o livro, falado sobre esse trabalho que eu acho... eu acho importante, não que eu acho que isso vai substituir o trabalho que nós temos feito na Academia tradicional sobre História da Filosofia. Não é isso, mas acho que leva o trabalho adiante, quer dizer, nós estudamos, adquirimos uma ferramenta, ferramentas conceituais na História da Filosofia para pensar o mundo em que nós vivemos e o Brasil faz parte desse mundo. Então eu acho que parte do nosso esforço também deve ser voltada pra isso.

Murilo: Sim, sim, é um prazer até essa conversa aqui que acrescenta muito pra gente, eu aprendi bastante hoje. Agradecer novamente a sua presença que a conversa foi muito agradável. E vou pedir aqui pros ouvintes que estão acompanhando a gente aqui pra comentar lá no lá site, no Filosofiapop.com.br, que a participação da galera é muito importante pra dar uma força pra gente continuar o trabalho também. E se quiser mandar e-mail pra gente no contato@filosofiapop.com.br pra fazer qualquer questionamento e falar o que você quiser sobre o programa. No site, a gente vai colocar as referências também foram citadas, os links pro livro, pras páginas e todos os contatos que forem possíveis aqui, o contato do Facebook também nosso, da página. Se a galera quiser ajudar a gente também pra compartilhar esse episódio com os amigos, avaliar a gente no iTunes que ajuda a gente a subir na classificação lá. Ajuda muito pra ter novos ouvintes. Obrigado a todos ai que participaram e que estão ouvindo e daqui a duas semanas a gente está de volta.



[Música Com Que Roupa de Noel Rosa com Caetano Veloso e Zeca Pagodinho]

Eu hoje estou pulando como um sapo
Pra ver se escapo dessa praga de urubu
Oh a coisa tá braba mesmo ehm
Já estou coberto de farrapos, eu vou acabar ficando nu

Meu terno já virou estopa e
E eu pergunto com que roupa
Com que roupa que eu vou pro samba que você me convidou?
Com que roupa que eu vou... com que roupa que eu vou pro samba que você me convidou?

Seu português agora dê o fora
Já foi-se embora e levou meu capital
Desprezou quem tanto amou outrora
Foi no Adamastor pra Portugal

Pra se casar com uma cachopa
E eu nem sei mais com que roupa
Com que roupa
Com que roupa
Eu vou pro samba que você me convidou.
Zeca Pagodinho

Com que roupa
Com que roupa

Eu vou, com que roupa que eu vou
Pro samba que você me convidou

É meu compadre o braço é ponta urubu não dança
Qualquer roupa tá bom, né
Qualquer roupa é boa
Isso assim cantado por Zeca Pagodinho
As palavras e as notas de Noel Rosa na voz de Zeca Pagodinho
Isso é o Rio de Janeiro inteiro
Valeu